



DINÂMICA SOCIOINTERACIONAL EM GRUPOS DO FACEBOOK: MAPEANDO REDES DE COMENTÁRIOS ONLINE

Luciane Cristina Paschoal

(UFRA)

luciane.paschoal@ufra.edu.br

RESUMO: *O objetivo da pesquisa aqui apresentada foi analisar as dinâmicas sociointeracionais em nove grupos do Facebook. Os dados foram coletados por meio de observações sistemáticas, tendo como base a etnografia online. Os resultados mostram que as dinâmicas sociointeracionais foram diferentes nos grupos focalizados, sendo identificados três tipos de redes de comentários: fechada, pivotante e rizomática.*

PALAVRAS-CHAVE: *estrutura de participação, etnografia online, rede social.*

ABSTRACT: *The objective of the research here presented was to analyze the interactional dynamics in nine Facebook groups. Data were collected through systematic observation, based on online ethnography. Results show that interactional dynamics were different in the focalized groups, being identified three types of comment networks: closed, axial and rhizome.*

KEYWORDS: *participation structure, online ethnography, social network.*

0. Introdução



Nos últimos anos, as redes sociais da internet têm sido amplamente usadas, principalmente para comunicação e interação. Segundo IBGE (2011), a atividade mais desenvolvida na internet é a comunicação: 83,2% das pessoas que utilizam a internet afirmam que a finalidade do acesso é para se comunicar com outras pessoas (IBGE, 2011).

Considerando que atualmente grande parte da interação e comunicação ocorre em ambientes digitais, é de extrema importância entender como as pessoas interagem nesses ambientes e como se dá a interação em contextos virtuais.

Situada no campo aplicado das ciências da linguagem, a pesquisa de orientação etnográfica aqui apresentada teve como objetivo geral analisar as dinâmicas sociointeracionais em nove grupos da rede social Facebook. Para isso, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: mapear as redes de comentários dos grupos estudados e identificar a estrutura de participação presente nos grupos.

Compreendemos “estrutura de participação” no sentido proposto por Goffman (2002), que a define como “a relação de todas as pessoas no agrupamento com uma dada elocução” (GOFFMAN, 2002:125). De acordo com o pesquisador, será encontrada uma estrutura de participação específica a cada tipo de situação social.

Recentemente, alguns estudiosos que pesquisaram a interação mediada pelas novas tecnologias aplicaram os conceitos desenvolvidos por Goffman (1966; 1981; 2002) em seus estudos (MARCOCCIA, 2004; LIMA, 2010; MELO e MOITA LOPES, 2013; JOHANSSON, 2014). Embora o foco de Goffman esteja nos encontros presenciais, os pesquisadores perceberam a possibilidade de aplicação e expansão de suas teorias em estudos envolvendo novas tecnologias. Isso se deve ao fato de que também nesses novos contextos de interação, os participantes estão permanentemente mantendo *footings*, que



organizam o discurso e os orientam com relação à situação interacional (GOFFMAN, 2002).

Para a identificação da *estrutura de participação*, Goffman propõe a análise do *status de participação*, definida como “a relação de qualquer um dos membros com uma certa elocução” (GOFFMAN, 2002: 125). Considerando o *status de participação*, Goffman identifica o participante *ratificado* no encontro, que detém o *status* oficial na interação e que pode ser endereçado ou não. Além do participante *ratificado*, existem também os participantes eventuais, isto é, não oficiais na interação, chamados de *circunstantes* que podem ouvir intencionalmente ou não a conversa. Como bem resume Goffman, “um participante *ratificado* pode não estar escutando, e alguém que esteja escutando pode não ser um participante *ratificado*” (GOFFMAN, 2002:118).

As teorias discutidas anteriormente são relevantes para este trabalho pois podem iluminar as análises sobre as dinâmicas interacionais nos grupos pesquisados. Como há uma estrutura de participação diferente para cada tipo de situação social, conforme aponta Goffman (2002), as categorias apresentadas não serão consideradas como categorias fixas para análise, isto é, serão utilizadas no sentido de auxiliar no desenvolvimento de novas categorias úteis para o contexto pesquisado.

1. Metodologia da Pesquisa

O estudo aqui apresentado trata-se de uma pesquisa de orientação etnográfica, que teve como objeto de estudo as interações em nove grupos da rede social *Facebook*.

Neste trabalho, entende-se etnografia como uma perspectiva metodológica que vai muito além de apenas técnicas de trabalho de campo ou método de coleta de registros (BLOMMAERT, 2006).

A etnografia, de acordo com Blommaert (2006), “envolve uma *perspectiva* sobre linguagem e comunicação, que inclui uma ontologia e uma epistemologia,



ambas de significado para o estudo da linguagem na sociedade, ou melhor, da linguagem *bem como* da sociedade¹ (BLOMMAERT, 2006:2, grifos do autor). Esse autor enfatiza que estudar a linguagem significa estudar também a sociedade. Essa visão de linguagem se deve às raízes antropológicas da etnografia, que considera que a linguagem e a vida social são indissociáveis. O contexto desempenha papel fundamental no uso da linguagem, pois, conforme argumenta Blommaert, “em todo ato de linguagem as pessoas registram e marcam contextualização social destes atos e, então, oferecem padrões de interpretação para os outros²” (BLOMMAERT, 2006:5).

Por esse motivo, o que interessa para a etnografia é o processo de uso da linguagem e não o produto linguístico, como enunciações materializadas, e assim, muita atenção precisa ser dada tanto para questões linguísticas como para questões não linguísticas (BLOMMAERT, 2006).

A perspectiva etnográfica é útil para este trabalho no sentido de compreendermos que a interação é co-construída, assim como menciona Blommaert. Além disso, entendemos que não é possível dissociar o uso da linguagem nos grupos estudados do contexto mais amplo no qual está inserido.

Apesar da etnografia ter sido criada para pesquisas face-a-face, pesquisadores como Hine (2000; 2005), Androutsopoulos (2008), Leander (2008), Murthy (2008) e Beneito-Montagut (2011) têm buscado, nessa perspectiva metodológica, novos caminhos para poder compreender as práticas sociais e as interações mediadas pelas novas tecnologias. Os referidos autores utilizam termos como “etnografia virtual” (HINE, 2000), “etnografia expandida” (BENEITO-MONTAGUT, 2011), “etnografia conectiva” (LEANDER, 2008),

¹ “Ethnography, I will argue, involves a *perspective* on language and communication, including an ontology and an epistemology, both of which are of significance for the study of language in society, or better, of language *as well as* o society” (BLOMMAERT, 2006:2).

² “in every act of language people inscribe and mark the social situatedness of these acts and so offer patterns of interpretation to the others” (BLOMMAERT, 2006: 5).



“etnografia digital” (MURTHY, 2008) e “etnografia *online*” (ANDROUTSOPOULOS, 2008) para identificar esse novo momento da etnografia.

Como a etnografia analisa as práticas humanas no contexto da cultura, e agora a internet é parte de nossa cultura, esses pesquisadores afirmam que a etnografia tem incorporado a internet, bem como as tecnologias de comunicação e informação social, para alcançar um entendimento mais atualizado da vida social na contemporaneidade. Isso porque essas novas tecnologias significam novas práticas, que implicam em novos ambientes de interesse para a ciência. Segundo Hine (2005), considerar o contexto *online* como campo etnográfico foi crucial para que se compreendesse a comunicação social *online* como cultura.

Considerando mais especificamente o uso da linguagem em ambientes *online*, Androutsopoulos (2008), autora filiada à sociolinguística, propõe uma “etnografia *online*”. De acordo com a pesquisadora, “a etnografia *online*” usa conhecimentos etnográficos como pano de fundo para seleção, análise e interpretação de registros, para elucidar as relações entre textos digitais e as práticas de produção e recepção. Desse modo, os focos da etnografia *online* são tanto as práticas comunicativas como os artefatos semióticos produzidos através de atividades que compõem essas práticas. Além disso, a etnografia *online* permite estudar padrões de comunicação e relações sociais realizadas por meio da linguagem em uma comunidade ou grupo, e pode ser útil para pesquisadores preocupados em analisar o uso da linguagem na vida social digital (ANDROUTSOPOULOS, 2008).

A etnografia *online*, proposta por Androutsopoulos (2008), pareceu-nos a mais apropriada para este estudo, porque os grupos observados mostram que o *Facebook* não é um mundo totalmente virtual. Embora as interações nesses grupos ocorram *online*, elas são intrinsecamente relacionadas ao cotidiano das pessoas.



O procedimento principal da etnografia *online* é a observação sistemática, que tem o objetivo de mapear a arquitetura complexa do espaço *online* e entender as várias relações entre seus componentes (ANDROUTSOPOULOS, 2008). De acordo com Androutsopoulos (2014), a observação sistemática é particularmente útil em espaços públicos digitais, como fóruns de discussão, onde o conhecimento compartilhado dos participantes é incompleto e fragmentado. Para uma observação sistemática, a autora sugere que sejam analisados os processos e as relações ao invés de artefatos isolados e que a observação seja monitorada por períodos maiores. A pesquisadora também recomenda a utilização de todos os recursos tecnológicos disponíveis para se melhor analisar o ambiente pesquisado, como número de postagens como indicadores de participantes principais, ou a função pesquisa para localizar palavras-chave. Essas recomendações foram utilizadas na identificação e seleção dos grupos pesquisados, bem como na identificação dos picos de interação a partir do número de postagens e comentários.

Em relação aos procedimentos de registro para a etnografia realizada em ambientes digitais, Beaulieu (2004) apresenta as seguintes técnicas de coleta: a observação participante, a observação não participante e a captura. A pesquisadora explica que a noção de transcrição da etnografia tradicional não é mais eficaz para contextos mediados por tecnologia e, por essa razão, propõe a técnica de captura para pesquisas que busquem explorar a internet. Isso porque as novas tecnologias permitem novas possibilidades de arquivo e coleta de dados.

Nos grupos focalizados, foram utilizadas as seguintes técnicas para coleta dos registros: observação participante e captura. Os dados foram coletados em nove grupos que tinham em seu título a palavra Mulheres e que eram administrados por mulheres. Optou-se por esse tipo de seleção dos grupos, pois o estudo aqui apresentado faz parte de uma pesquisa mais ampla que tem como



foco as mulheres. Para facilitar as análises, os grupos pesquisados serão aqui designados numericamente de G1 a G9.

Os referidos grupos foram observados durante todo o período da pesquisa, de março de 2012 a julho de 2013, com base na observação sistemática proposta por Androutsopoulos (2008; 2014) que sugere que os ambientes sejam monitorados por períodos maiores de tempo.

Para a técnica de captura dos registros, foi utilizada a função *print screen* do computador, que possibilita que o que está projetado na tela seja capturado como imagem. Assim, as postagens e seus respectivos comentários no período de janeiro a julho de 2013 foram registrados e salvos no computador para posterior análise. Como as interações podem ser excluídas pelos administradores dos grupos, foi utilizada a técnica de captura para garantir que dados importantes disponíveis *online* não fossem perdidos.

2. Mapeamento das Redes de Comentários

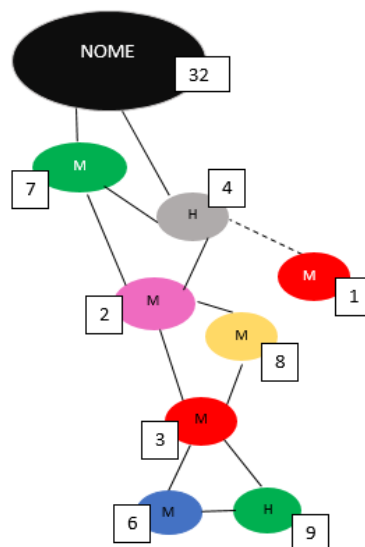
Para a análise da estrutura de participação, realizamos um recorte no nosso *corpus* de pesquisa a partir dos picos de interação de cada grupo. Esse recorte se fez necessário para permitir uma análise mais minuciosa dos padrões de interação nos grupos. Para isso, foram elaborados fluxogramas com base na quantidade de postagens e comentários por cada mês em cada grupo. Isso permitiu verificar o fluxo de participação nos grupos e identificar o mês quando houve maior interação entre os participantes.

Assim, utilizamos o mês de maior pico interacional, isto é, mês em que foi contabilizado maior número de comentários de cada grupo para uma análise fina da participação.

Para facilitar a análise da estrutura de participação, essas interações foram mapeadas com base nos tipos de comentários que cada postagem gerou. Essa classificação foi utilizada para desenvolver mapeamentos dos comentários

a partir de cada postagem do recorte do *corpus*. A figura apresentada a seguir (Figura 1) é um exemplo desse mapeamento.

Figura 1 – Exemplo do mapeamento da rede de comentários



A circunferência superior representa a postagem inicial que deu início à interação. Os demais círculos menores representam os comentários que essa postagem recebeu e as letras M e H no interior dos círculos representam respectivamente, mulher ou homem, que elaborou o comentário. Já o número adjacente a cada círculo significa o número de curtidas que a postagem ou comentário recebeu. As cores de cada círculo representam os tipos de comentários gerados: curtir representado pela cor azul; resposta, pela cor verde; debate, pela cor vermelha; sugestão, pela cor amarela; pergunta, pela cor rosa; e mediação, pela cor cinza. Já os traços sólidos representam relação direta com a postagem anterior e a linha tracejada representa um comentário não diretamente relacionado com a postagem anterior.

Para a elaboração desse mapeamento, os comentários foram classificados da seguinte maneira: *curtir* (quando a mensagem está muito

próxima da ação da ferramenta curtir e não há mensagem nova apresentada), *resposta* (quando o autor de fato responde e dialoga com o assunto apresentado na postagem), *pergunta* (quando o autor indaga ou questiona os demais participantes), *debate* (quando o autor propõe um questionamento ou incita uma discussão), *sugestão* (quando o autor sugere algo) e *mediação* (quando o autor tenta mediar uma discussão).

3. Estrutura de Participação nos Grupos

Assim como em outras situações sociais, a estrutura de participação nos grupos do *Facebook* também apresenta especificidades. Nesses grupos, qualquer membro pode postar mensagens, não sendo necessária autorização do administrador para que uma postagem seja visualizada pelos demais integrantes. Com base nisso, consideramos que nem toda participação no grupo é ratificada. A participação se torna ratificada quando ela recebe algum tipo de resposta, seja uma curtida ou um comentário. A figura 2, apresentada na sequência, exemplifica esse tipo de participação ratificada.

Figura 2 – Participação ratificada no grupo G5





A participação de Célia se torna ratificada quando recebe oito curtidas e três comentários. Para essa análise de participação ratificada, baseamo-nos em Goffman (2002), que identifica o participante ratificado num encontro como aquele que detém o *status* oficial de interlocutor na interação, podendo ter sido selecionado ou não por quem postou a mensagem.

Assim como ocorreu no exemplo citado anteriormente (Figura 2), as mensagens nos grupos geralmente não são endereçadas a um participante específico e a interação conta apenas com circunstantes, isto é, leitores das postagens e dos comentários que não participam diretamente da interação. A circunstante Amparo, no exemplo dado, passa a deter *status* oficial na interação ao comentar a postagem de Célia, apesar da postagem não ter sido endereçada diretamente a ela.

As participações de Amparo, Giselle e Marcela são também ratificadas, uma vez que recebem curtidas. Amparo e Giselle utilizam adjetivos positivos, como “lindo” e “sensacional”, para qualificar positivamente o texto enviado e seus comentários recebem, respectivamente, uma e duas curtidas. Marcela utiliza o verbo em primeira pessoa “amei” para também demonstrar uma visão positiva sobre o texto e seu comentário é curtido por um participante.

Como também pode ser notado na figura, a participante Giselle endereça sua mensagem especificamente para Célia ao agradecer pelo envio do texto, utilizando o vocativo com o nome completo de Célia no seu comentário: “Sensacional! Célia ..., obrigada por nos proporcionar essa reflexão. Bjs”. Ao ser inserido o nome completo de um participante em uma postagem ou comentário, o *Facebook* automaticamente gera um *link* para acesso ao perfil deste participante e o nome passa a ser grafado em azul como indicação do *link*, assim como pode ser visto na figura 2. Quando um remetente inclui o nome completo de um participante, ele, o endereçado, recebe notificações em sua página do *Facebook* sobre a postagem ou comentário em que foi mencionado. Nesse



sentido, o vocativo passa a ter a mesma função desempenhada em outras interações, isto é, a de indexar o interlocutor.

Nos nove grupos pesquisados, a opção curtir é utilizada com maior frequência que a opção comentários. Considerando o recorte do *corpus*, em todos os grupos pesquisados houve mais curtidas que comentários: 67% do total de postagens foram curtidas e 28% foram comentadas. Isso demonstra preferência dos usuários em utilizar a ferramenta curtir, assim como já identificado por Maíz-Arevalo (2013). De acordo com Maíz-Arevalo (2013), a opção curtir no *Facebook* é utilizada para mostrar que o usuário gostou de algo, e é também uma maneira do usuário responder implicitamente, como por exemplo, quando não há tempo para uma resposta mais criativa.

4. Redes de Comentários dos Grupos

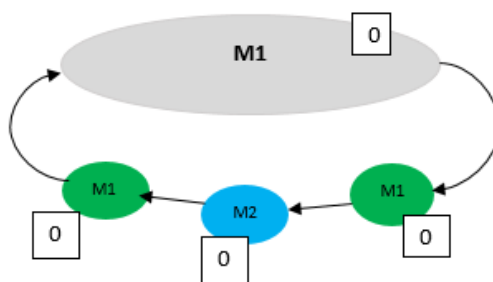
As postagens e seus respectivos comentários, mapeados conforme descrito na seção 2, permitem observar a dinâmica sociointeracional dos grupos. Classificamos as redes de comentários em três tipos: *fechada*, *pivotante* e *rizomática*. Esses termos foram escolhidos na tentativa de melhor representar a organização dessas redes e para facilitar o entendimento através da visualização das relações entre interactantes. Essa classificação leva em consideração tanto as trocas entre os participantes, como os tipos de comentários utilizados.

Foram classificadas como redes *fechadas* aquelas redes compostas por no máximo três participantes, que iniciam e finalizam o assunto em uma interlocução. Além disso, esse tipo de rede de comentários se caracteriza pela utilização de comentários dos tipos pergunta e resposta. Nesse tipo de rede de comentários, os participantes são geralmente ratificados por meio da utilização de vocativos.

A figura 3 representa uma rede de comentários do tipo *fechada* do grupo G4. Nessa interação, Ana (M1) efetua uma postagem sobre funcionamento do grupo e Nilva (M2) participa da interação, gerando uma rede fechada de

comentários. Há apenas duas participantes que interagem nesta rede, Ana e Nilva; e são utilizados comentários do tipo resposta, representados no mapeamento pela cor verde. No último comentário da rede, Ana (M1) finaliza sua mensagem com a abreviação “bjs”, que poderia indicar a finalização da conversa. É comum a utilização de expressões de fechamento, como beijos ou abraços no último comentário deste tipo de rede. Por apresentarem expressões de fechamento, utilizamos a palavra “fechada” para classificarmos esse tipo de rede de comentários.

Figura 3 – Exemplo de rede de comentários do tipo fechada no grupo G4



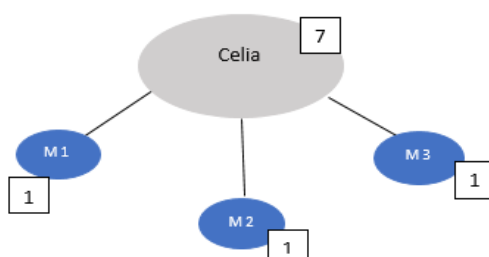
A rede de comentários do tipo *fechada* é a que mais se aproxima de uma conversa face a face, no sentido de que há poucos interlocutores, no máximo três, que podem ser ratificados por meio de vocativos e que detêm o *status* oficial de interlocutor na interação. Assim como na conversa face a face, nesse tipo de rede de comentários também pode haver circunstâncias. Nos grupos G1, G2 e G4, a rede fechada é predominante. No grupo G1, 75% do total de redes de comentários identificadas é do tipo fechada; no grupo G2, 66,7%; e no grupo G4, 60%.

O segundo tipo de rede de comentários, chamada aqui de *pivotante*, caracteriza-se pelo envolvimento de participantes que geralmente elaboram comentários do tipo “curtir”, representados no mapeamento pela cor azul. Esse tipo de rede de comentários é classificado como rede *pivotante*, pois uma única

postagem, um único pivô, gera várias ramificações, os comentários, mas esses não retomam o assunto e não dialogam entre si. Buscamos na biologia o termo “pivotante” para designar esse tipo de rede de comentários. Na biologia, utiliza-se o termo raiz pivotante quando há uma raiz principal, um pivô, que possibilita o surgimento das raízes secundárias. Por analogia, utilizamos aqui o termo “pivotante” quando uma postagem, considerada como principal, gera comentários secundários, e esses últimos não geram novos comentários. Diferentemente da rede fechada, esse tipo de rede pode sempre receber novos comentários, mantendo-se aberta indefinidamente.

A figura 4, abaixo, representa uma rede de comentários do tipo *pivotante* do grupo G3. Na interação representada nessa figura, Celia efetua uma postagem sobre amizade que recebe três comentários do tipo “curtir”. Os comentários foram classificados como “curtir”, pois foram utilizados adjetivos ou expressões para indicar apreço pelo que foi postado: “lindo e verdadeiro” (M1), “sensacional!” (M2) e “amei!” (M3), e não há mensagem nova. Nota-se que uma única postagem gera várias ramificações, os comentários, mas esses não retomam o assunto e não dialogam entre si.

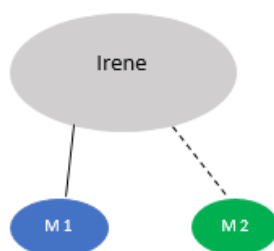
Figura 4 – Exemplo de rede de comentários do tipo pivotante no grupo G3



Esse tipo de rede de comentários é típico das redes sociais da internet, quando há vários comentários que não se inter-relacionam ou que não têm ligação direta com a postagem inicial, assim como também pode ser notado na figura 5, apresentada na sequência. Nesta rede de comentários, Irene,

administradora do grupo G6, apresenta um *link* com uma receita culinária e Noely (M2) utiliza o texto “Ótima sugestão. Deus é bom” em seu comentário. Como esse comentário não está diretamente relacionado com a postagem inicial, utilizamos uma linha tracejada como forma de representar essa falta de conexão.

Figura 5 – Exemplo de rede de comentários do tipo pivotante no grupo G6



Nos grupos G3, G5 e G6, a rede *pivotante* é a mais frequente. No grupo G3, 74,2% do total de redes de comentários identificadas é do tipo *pivotante*; no grupo G5, 78,6%; e no grupo G6, 63,6%.

O terceiro tipo de rede de comentários, chamada aqui de *rizomática*, caracteriza-se pela presença de vários tipos de comentários, que são retomados por diferentes participantes, expandindo a rede tanto vertical quanto horizontalmente. Classificamos esse tipo de rede como *rizomática*, pois a postagem inicial gera comentários que, por sua vez, vão gerar outros. Escolhemos a palavra “rizomática” para designar esse tipo de rede de comentários, pois entendemos que essa rede não é hierárquica, isto é, não há apenas uma postagem central que gera novas postagens, qualquer postagem pode gerar novos comentários. A analogia com a figura do rizoma, descrito pela botânica para designar raízes que se desenvolvem horizontalmente, sem um eixo principal, nos permite apontar para isso.

Diferentemente da rede *fechada*, o assunto não se fecha, isto é, há sempre comentários que ancoram outros, ou seja, que permitem novas participações. Essa rede também difere da rede *pivotante*, no sentido de que os comentários do tipo “curtir”, presentes na rede *pivotante*, não possibilitam novas



interações, como ocorre na rede *rizomática*, isto é, comentários do tipo “curtir” geralmente não estimulam a produção de novos comentários.

A figura a seguir (Figura 6) representa uma rede de comentários do tipo rizomática do grupo G8. Nessa interação, o participante Samuel (H1) sugere uma nova localidade para um evento “falta fazer uma edição em bsb!” (H1) e sua postagem recebe os seguintes comentários:

“Com certeza! Eu toparia fácil entrar na organização!” (M2)

“Eu iria fazer o possível e impossível para ter o encontro aqui em bsb!” (H1)

“Organizadoras, o que vocês acham?” (M2)

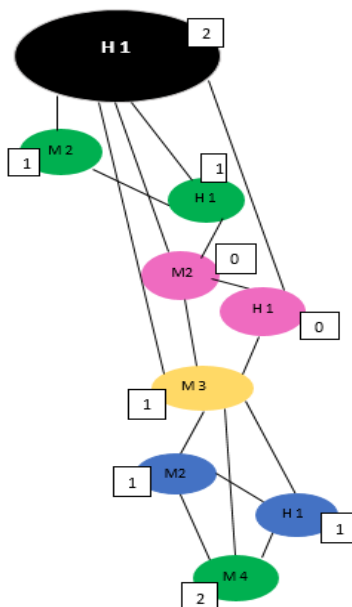
“Pessoal, os Encontros Nacionais serão em Goiânia, já estamos organizando os próximos, mas podemos fazer encontros regionais durante o ano. O que acham?” (M3)

“boa ideia” (M2)

“Apoiados pessoal! \o/ Vamos articular estes encontros” (M4)

Esses comentários são interligados e geraram uma rede *rizomática* de comentários. Esse tipo de rede de comentários se assemelha a uma grande roda de conversa, quando há vários interlocutores co-construindo o discurso. Apesar da semelhança com uma roda de conversa face a face, a internet permite que um número bem maior de participantes se engajem nessa rede de comentários, o que pode tornar a interação mais diversificada e abrangente nesses ambientes digitais.

Figura 6 – Exemplo de rede de comentários do tipo rizomática no grupo G8



Nos grupos G7, G8 e G9, a rede *rizomática* é a mais recorrente, embora as outras redes, *fechada* e *pivotante*, também apareçam, mas com menor frequência. No grupo G7, 69,8% do total de redes de comentários identificadas é do tipo *rizomática*; já as redes *fechada* e *pivotante* totalizam 13,5% e 16,7%, respectivamente. No grupo G8, 52% do total de redes de comentários identificadas é do tipo *rizomática*; já as redes *fechada* e *pivotante* totalizam 10% e 38%, respectivamente. No grupo G9, 57,2% do total de redes de comentários identificadas é do tipo *rizomática*; já as redes *fechada* e *pivotante* totalizam 14,3% e 28,6%, respectivamente.

5. Considerações Finais

Focalizamos neste trabalho nove grupos da rede social *Facebook*, objetivando analisar as dinâmicas sociointeracionais presentes nesses espaços. O estudo da dinâmica sociointeracional englobou análise da estrutura de participação e das redes de comentários em cada grupo.



Considerando o primeiro objetivo específico, que tinha como foco o mapeamento das redes de comentários, foram identificados três tipos de redes de comentários: *fechada*, *pivotante* e *rizomática*.

A rede de comentários do tipo *fechada* é aquela composta por no máximo três participantes, que iniciam e finalizam o assunto em uma interlocução. Além disso, esse tipo de rede de comentários se caracteriza pela utilização de comentários dos tipos pergunta e resposta e os participantes são geralmente ratificados por meio da utilização de vocativos. Esse tipo de rede de comentários é o que mais se aproxima de uma conversa face a face, no sentido de que há poucos interlocutores, no máximo três, que podem ser ratificados por meio de vocativos e que detêm o *status* oficial de interlocutor na interação. Assim como na conversa face a face, nesse tipo de rede de comentários também pode haver circunstâncias.

A rede de comentários do tipo *pivotante* caracteriza-se pelo envolvimento de participantes que geralmente elaboram comentários do tipo “curtir”. Esse tipo de rede de comentários é classificado como rede *pivotante*, pois uma única postagem, um único pivô, gera várias ramificações, os comentários, mas esses não retomam o assunto e não dialogam entre si. Diferentemente da rede *fechada*, esse tipo de rede pode receber novos comentários, mantendo-se aberta indefinidamente. Esse tipo de rede de comentários é típico das redes sociais da internet, quando há vários comentários que não se inter-relacionam ou que não têm ligação direta com a postagem inicial.

A rede de comentários do tipo *rizomática* caracteriza-se pela presença de vários tipos de comentários que são retomados por diferentes participantes, expandindo a rede tanto vertical quanto horizontalmente. Classificamos esse tipo de rede como *rizomática*, pois a postagem inicial gera comentários que, por sua vez, vão gerar outros. Diferentemente da rede fechada, o assunto não se fecha, isto é, há sempre comentários que ancoram outros, ou seja, que permitem novas participações. Essa rede também difere da rede *pivotante*, no sentido de que os



comentários do tipo “curtir”, presentes na rede *pivotante*, não possibilitam novas interações, como ocorre na rede *rizomática*. Apesar da semelhança deste tipo de rede com uma roda de conversa face a face, a internet permite que um número bem maior de participantes se engajem nessa rede de comentários, o que pode tornar a interação mais diversificada e abrangente nesses ambientes digitais.

Em relação ao segundo objetivo específico, que tinha como foco identificar a estrutura de participação presente nos grupos, conclui-se que nem toda participação no grupo é ratificada, já que nos grupos focalizados, qualquer membro pode postar mensagens, não sendo necessária autorização do administrador para que uma postagem seja visualizada pelos demais integrantes. A participação se torna ratificada quando ela recebe algum tipo de resposta, seja uma curtida ou um comentário.

Em relação às redes de comentários, novas pesquisas poderiam ser realizadas em diferentes ambientes *online*, como fóruns de discussão, por exemplo, para análise de possíveis recorrências dos padrões aqui identificados, sobretudo com relação aos impactos de temas polêmicos ou menos frequentes na dinâmica sociointeracional verificada naquele ambiente. Ainda em relação às redes de comentários, novas pesquisas poderiam verificar uma possível relação entre as redes e a formação educacional dos participantes dos grupos.

Considerando as contribuições deste trabalho, no que tange o aspecto metodológico, os mapeamentos das redes de comentários desenvolvidos nesse estudo podem ser usados em futuras pesquisas envolvendo interação em ambientes digitais como fóruns de discussão e fóruns de EAD para facilitar a análise das interações em tais ambientes.

6. Referências Bibliográficas



ANDROUTSOPOULOS, Jannis. Potentials and limitations of discourse-centred online ethnography. **Language@Internet**, v. 5, n. 9, 2008. Disponível em <<http://www.languageatinternet.org/articles/2008/1610/androutsopoulos.pdf>>. Acesso em 21 de agosto de 2013.

ANDROUTSOPOULOS, Jannis. Computer-mediated communication and linguistic landscapes. In: HOLMES, Janet; HAZEN, Kirk (Eds). **Research methods in sociolinguistics: A practical guide**. Oxford: John Wiley & Sons, 2014, p. 74 – 90.

BEAULIEU, Anne. Mediating Ethnography: Objectivity and the Making of Ethnographies of the Internet. **Social Epistemology**, v. 18, n. 2–3, p. 139–163, 2004.

BENEITO-MONTAGUT, Roser. Ethnography goes online: towards a user-centred methodology to research interpersonal communication on the internet. **Qualitative Research**, v.11, n. 6, p. 716 –735, 2011.

BLOMMAERT, Jan. Ethnography as counter-hegemony: Remarks on epistemology & method. **Working papers in Urban Language & Literacies**, p. 1-8, 2006.

GOFFMAN, Erving. **Behavior in public places: Notes on the social organization of gatherings**. New York: The Free Press, 1966.

GOFFMAN, Erving. **Forms of talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

GOFFMAN, Erving. Footing. In: Ribeiro, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.) **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 107 – 148.

HINE, Christine. **Virtual ethnography**. London: Sage Publications, 2000.

HINE, Christine. Virtual methods and the sociology of cyber-social-scientific knowledge. In: _____. **Virtual methods: Issues in social research on the internet**. New York: Berg, 2005, p. 1 – 112.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa nacional de amostra de domicílios. Acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. 2011. Disponível em <



http://www.ibge.gov.br/Acesso_a_internet_e_posse_celular/2011/PNAD_Inter_2011.pdf>Acesso em 10 de junho de 2014.

JOHANSSON, Marjut. Reading digital news: Participation roles, activities, and positionings. **Journal of Pragmatics**, v. 72, p. 31-45, out. 2014.

LEANDER, K. M. Toward a connective ethnography of online/offline literacy networks. In: COIRO, J. et al. **Handbook of research on new literacies**. New York and London: Routledge, 2008, p. 33-66.

LIMA, Marcela. **Escrita, interlocução e moderação em um fórum online do Orkut**. 2010. 129f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MAÍZ-ARÉVALO, Carmen. Just click 'Like': computer-mediated responses to Spanish compliments. **Journal of Pragmatics**, n. 51, p. 47-47, 2013.

MARCOCCIA, Michel. Online polylogues: conversation structure and participation framework in internet newsgroups. **Journal of Pragmatics**, v. 36, p. 115 – 145, 2004.

MELO, Glenda C. V.; MOITA LOPES, Luiz Paulo. As performances discursivo-identitárias de mulheres negras em uma comunidade para negros no Orkut. **D.E.L.T.A**, v. 29, n. 2, p. 237 – 265, 2013.

MURTHY, Dhiraj. Digital ethnography: An examination of the new technologies for social research. **Sociology**, v. 42, n. 5, p. 837 – 855, 2008. Disponível em <<http://soc.sagepub.com/content/42/5/837>> . Acesso em 15 de julho de 2013.